

A VILA DOS MOINHOS D'ÁGUA: DEBATES SOBRE MEIO AMBIENTE NA OBRA DE AKIRA KUROSAWA

THE VILLAGE OF THE WATER MILLS: DEBATES ABOUT THE ENVIRONMENT IN THE WORK OF AKIRA KUROSAWA

Luis Junior Costa Saraiva 1
Jéssica do Socorro Leite Corrêa 2
Danilo Corrêa Oliveira 3

Resumo: Um dos maiores cineastas do Japão, reconhecido mundialmente e visto por muitos como um gênio do cinema japonês. Produziu em seus quase 80 anos de vida muitas obras que logo passaram à condição de clássicos do cinema. No presente artigo atentaremos para a obra intitulada "sonhos", um filme autobiográfico no qual foi baseado em 8 de seus sonhos, rico em simbologia que apresentam elementos do folclore, cultura e expressões religiosas japonesa. Porém, nos deteremos em um dos episódios "A vila dos moinhos d'água" para refletir sobre questões como poluição do ambiente, e sobre o próprio sentido daquilo que é de fato prioridade para o ser humano e o que são apenas falsas prioridades, como o consumo desenfreado de objetos que para serem produzidos requerem altos custos destrutivos para a vida no planeta. Questões levantadas no filme e que se fazem presentes em demandas atuais em diversos contextos sociais.

Palavras-chaves: Meio ambiente. Akira Kurosawa. cinematografia.

Abstract: One of Japan's greatest filmmakers, recognized worldwide and seen by many as a genius of Japanese cinema. During his almost 80 years of life, he produced many works that soon became cinematic classics. In this article, we will focus on the work entitled "Dreams", an autobiographical film based on 8 of his dreams, rich in symbolism that presents elements of Japanese folklore, culture and religious expressions. However, we will stop at one of the episodes "The Village of the Water Mills" to reflect on issues such as environmental pollution and on the very meaning of what is in fact a priority for human beings and what are just false priorities, such as the rampant consumption of objects that require high destructive costs for life on the planet to be produced. Issues raised in the film and which are present in current demands in different social contexts.

Keywords: Environment. Akira Kurosawa. cinematography.

- 1 Doutor em Antropologia (pelo ICS-Lisboa), Mestre em Antropologia (pela UFPA). Atualmente professor Associado IV na UFPA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8517177215677066>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6018-5727>. Email: luisj@ufpa.com.br
- 2 Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia (pela UFPA), com Licenciatura em Pedagogia (pela UFPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3899704557705100>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4135-4895>. Email: etieljessica@gmail.com
- 3 Graduando em Pedagogia (pela UFPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9289259850859698>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1451-7721>. E-mail: correadanilo182@gmail.com

Introdução

O presente artigo foi desenvolvido a partir de discussões teóricas sobre a importância dos aspectos socioculturais para os ambientes educacionais, e de como a pesquisa científica pode contribuir com o processo de conhecimento e confirmação da importância do cinema em diferentes espaços, incluindo as escolas.

Para isso utilizou-se o filme *Sonhos de Akira Kurosawa*, assim como sua autobiografia, além de outros teóricos que sustentam e fortalecem as discussões sobre meio ambiente, arte, cinematográfica e antropologia.

O trabalho apresenta alguns detalhes da obra, suas representações, significações e reforça sua importância para pensar a nossa vivência humana e a nossa relação com os não humanos. Mas ao final nos debruçamos sobre o último episódio que trata do diálogo entre um jovem visitante e um ancião morador do local conhecido como a Vila dos Moinhos d'água.

Akira Kurosawa e seus sonhos

“O homem não deve ter medo de se envergonhar”

Akira Kurosawa

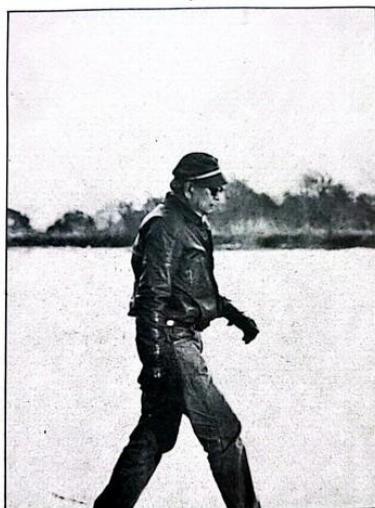
Akira Kurosawa foi um dos maiores cineastas japoneses, fez um filme autobiográfico com base em 8 de seus sonhos, originalmente eram 9 sonhos. O filme foi produzido no ano de 1990, com duração de aproximadamente 1h e 59min. Uma obra cinematográfica de drama com histórias que abordam problemas sociais, através de cenas típicas do folclore japonês e tratam da irresponsabilidade dos homens, apresentando discussões sobre vida e morte, tradições, integridade e a luta da natureza pela sobrevivência. Ele começou a escrever o roteiro quando tinha quase 80 anos e o filme “*Sonhos*” ocupa hoje um lugar de destaque na galeria de clássicos mundiais.

O filme segue uma linha cronológica, começando com uma versão do cineasta ainda criança, terminando com ele já na fase adulta de sua vida, todavia, o presente artigo apresentará alguns dos episódios, mas o foco fica em torno de apenas um, a “vila dos moinhos d'água”, e nesse episódio analisamos questões sobre meio ambiente, a partir de aspectos presentes no diálogo dos dois principais personagens, o ancião morador da Vila e o viajante da cidade que está apenas de passagem.

Akira Kurosawa nasceu no dia 23 de março do ano de 1910, no distrito de Omori em Tokyo. Era o filho caçula de Shima, 39 anos e Isamu, 45 anos, oficial do exército japonês. Akira foi antecedido por sete irmãos, dois deles já maiores de idade quando ele nasceu.¹

¹ As informações biográficas sobre a vida e obra de Akira Kurosawa foram retiradas da sua autobiografia que consta nas referências bibliográficas do presente artigo.

Figura 1. Registro do cineasta apresentado em sua autobiografia.



Aos setenta anos, filmando *Kagemusha*. Viriam a seguir *Ran*, em 1985, e *Sonhos*, em 1990.

Fonte: KUROSAWA, 1993

A sensibilidade artística de Kurosawa veio à tona bem cedo, depois de iniciar os estudos na escola primária Kuroda, se descobriu bom em desenhos aos oito anos de idade. Se formou em Kuroda com treze anos e ingressou no Ginásio Keika. Era também muito bom nas disciplinas que eram exigidas habilidades artísticas como redação e pintura. Ao término do ginásio, ele se lançou ao mundo primeiramente como pintor profissional com o apoio de sua família. Aos 18 anos, uma de suas pinturas, chamada A Natureza Morta foi escolhida para integrar uma exposição nacional renomada chamada Nitten.

Em sua obra autobiográfica, o cineasta conta sobre as dificuldades que enfrentou no decorrer da vida, inclusive dentro do espaço educacional e familiar, e também acompanha algumas de suas produções artísticas, como desenhos e pinturas, além de fotografias de família e dos trabalhos realizados.

Kurosawa inicia seus primeiros passos no cinema nos estúdios Toho, como um assistente de direção e discípulo do cineasta Kajiro Yamamoto em 1936, mas só iria escrever e dirigir seu primeiro filme em 1943, nomeado de “Sugata Sanshiro”, que fez bastante sucesso no Japão, obrigando-o a filmar uma sequência dois anos depois, porém, foi apenas em 1950 que uma de suas obras faria sucesso mundialmente, o filme “Rashomon”, que foi indicada ao Oscar e venceu o Leão de Ouro do Festival Internacional de Cinema de Veneza.

Pela ocasião dos 100 anos de Akira Kurosawa, foram publicadas novas edições em DVD de seus filmes, e no Japão a Universidade de Ryukoku, localizada na cidade de Kyoto, lembrou que depois de 100 anos do nascimento do gênio cineasta, seus arquivos mais pessoais estão disponíveis a todos através de plataformas digitais, com isso em mente, após um enorme trabalho de digitalização, a universidade concluiu com êxito em 2009 o maior arquivo aberto com vários materiais produzidos ao longo da carreira de Akira Kurosawa.²

O filme “Sonhos” escrito por Akira Kurosawa é dividido em 8 partes. No primeiro episódio chamado “Um raio de sol através da chuva” o diretor traz um personagem muito conhecido no seu país, culturalmente, a raposa (Kitsune). Esse personagem tem um papel muito importante na mitologia japonesa pois ela é muito utilizada em contos de diferentes formas.

Normalmente é descrita como um ser muito inteligente e com capacidades mágicas que aumentam com a sua idade e sabedoria, sua figura é utilizada como um conto do bem, mas pode também ser representada como um ser maléfico, fala-se que a kitsune pode tanto falar como se transformar em um humano.

² Para uma consulta detalhada desses materiais, consultar o site: www.afc.ryukoku.ac.jp/Komon/kurosawa/index.html, no qual existem cerca de 20 mil páginas repletas de anotações, desenhos, scripts e fotos do mestre do cinema japonês.

No contexto desta primeira parte do filme, quando a mãe do garoto conta a história da raposa que em dias de chuva com sol, ocorre o acasalamento, ela pede ao menino que não saia de casa, caso contrário as raposas irão ficar furiosas. Nota-se que este conto busca ajudar no controle da mãe sobre o filho na tentativa de evitar que a criança fique na rua. Lembra bastante a cantiga brasileira “Nana neném” que tinha o intuito de fazer a criança dormir, se não, como consequência, a “cuca” iria pegá-la, porém este sonho vai além de apenas um controle dos pais. Quando o garoto realmente avista a raposa, escondendo-se e ao voltar pra casa recebe a notícia que a raposa o viu, e como punição não poderia mais morar na casa de sua mãe a não ser que tivesse o perdão concedido pela raposa; a mãe do garoto afirma para o pequeno que se prepare para morrer caso não tenha o perdão da raposa, tendo em vista que ela não é de corresponder a pedidos de desculpas facilmente. No fim, não se tem um desfecho sobre o fim da história, o que nos leva a refletir que o seu significado é simplesmente pelo fato de que o foco desta primeira cena tem como objetivo mostrar o valor das consequências de escolhas erradas, tendo em vista que a cultura asiática é bem rigorosa, e busca desde a menoridade impor, respeito e muita responsabilidade. Assim como instiga a valorizar e procurar aprender mais sobre a sua própria cultura e tradições.

No decorrer da segunda história, acontece o Festival de Bonecas, o Hinamatsuri, que ocorre tradicionalmente na primavera, quando as flores dos pessegueiros estão totalmente abertas. Sobre as “Hina Ningyou”, os bonecos que se encontram no topo do altar, o casal de bonecos principais representam o Imperador e a Imperatriz. Posteriormente, se veem representadas as senhoras que servem à Imperatriz. No terceiro andar, os meninos compõem uma banda tradicional da Família Imperial. No quarto andar, os guardas que seguram flechas e por último os bonecos que representam os cidadãos. As bonecas que são exibidas nesta época são representativas, simbolizando os pessegueiros e suas flores rosas, junto com as festividades da época da primavera com o dia das meninas.

Com o desenrolar das cenas, é ambientado com um garoto, sua irmã e as amigas desta. Que ao ser visitado por um espírito de um jovem pessegueiro, começa a segui-lo, chegando até o morro onde antes localizava-se o pomar de pessegueiros, ora cortados para um maior aproveitamento das terras. A sua comoção por cortarem seu jardim de pessegueiros, fez com que o garoto sentisse um forte senso de perda durante o festival.

Após sua irmã mais velha discordar do que o garoto falava sobre o que via, o garoto descobre uma menina saindo pela porta da frente. Ele a segue para o jardim, podado, onde as representações das bonecas da coleção de sua irmã ganharam vida e se posicionam em sua frente nos declives do antigo jardim. As bonecas personificadas nos membros da corte do imperador repreendem o garoto por seus pais terem cortado as preciosas árvores, mas após perceberem o quanto ele amava as flores, admirava as belas árvores e não ligava se teria pêssegos ou não, elas decidem em dar a ele mais uma oportunidade de avistar uma última vez os pessegueiros através de uma lenta e bela dança, cercada dos mitos narrados e como aquelas árvores representavam o festival da primavera.

Os mitos, efetivamente narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se transformou no que é, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras (ELIADE, 2006, p. 16). O mito, assim tratado, na narrativa dos sonhos vem mostrar uma representação narrativa, poética, de criação da natureza e da função social da vida.

Observando o ambiente folclórico do primeiro sonho, e vindo em contraponto com o sentimento de culpa, podemos ver o tormento de uma criança, que mesmo sem ter participado do corte dos pessegueiros é condenada pelos erros de seus pais. Esse sonho é um espetáculo tanto em cores e gestos, quanto ao sentimentalismo que traz à mostra. Não devendo esquecer de pontuar as expressões entregues pelo garoto.

Levado por uma estranha força ao local onde ficava o pomar de pêssegos de sua família, o garoto encontra o imperador japonês e seus súditos numa espécie de morro cortado em patamares - o que remete à tradicional hierarquia japonesa. Eles estão preparados para dançar e celebrar “O Dia da Boneca”, ou seja, o florescimento dos pessegueiros, pois os bonecos representam os espíritos das árvores. Porém todas foram cortadas e não há mais o que celebrar. Acusado de egoísmo pelo

imperador, o garoto chora a morte das árvores. Com toda a simbologia da cena, começam uma dança sincronizada e pétalas de pêssego começam a cair.

O quinto sonho que compõem a obra cinematográfica de Kurosawa, é intitulado “Corvos”, onde o diretor traz referências das obras e da vida do famoso pintor holandês, Vincent Willem Van Gogh (1853-1890). Passeando por um museu onde se encontrava as obras de Van Gogh, um primeiro personagem, que também era pintor, aprecia as obras expostas, chegando em frente a uma determinada que tem como título “O Campo de Ciprestes”, o personagem faz uma viagem até os tempos em que vivia o famoso pintor holandês.

Ao fazer esta viagem o personagem vai ao encontro de Van Gogh, encontra-o no mesmo cenário que fora pintado pelo mesmo e que estava exposto no museu. Os dois então começam um breve diálogo, porém profundo, onde num primeiro momento o pintor holandês indaga o personagem que estava apenas observando: “porque não está pintando?”, diz ele, o mesmo sem esperar a resposta do personagem começa a explicar: “Esta cena está além da beleza, uma cena que parece uma pintura não dá uma pintura, se você parar e olhar atentamente, toda natureza tem sua própria beleza”. Fazendo uma análise e trazendo ao espectador uma reflexão, pode-se associar a cena e as falas do personagem com o cotidiano corrido da vida moderna, apesar do filme ter sido lançado no ano de 1990, apresenta temáticas que trazem uma reflexão aos dias de hoje.

A vida moderna, sobretudo das grandes cidades, tem se tornado cada vez mais estressante e agonizante, poucas vezes nos permitimos parar para apreciar a vida que corre ao nosso redor. Em um primeiro momento do episódio “corvos” é possível pensar que apenas artistas ou os que já conhecem a história de Vincent van Gogh, é que saberão interpretar a mensagem que Akira Kurosawa quis repassar, de fato, artistas poderão sim ter uma visão diferente das demais pessoas, a visão dos artistas sobre o episódio seriam de inspiração, pois é necessário olhar para o novo e pensar com sensibilidade em cada detalhe para que se obtenha aquilo que se deseja e assim poder conduzir esta visão até a tela. Para os que não são artistas o caminho não é diferente, num século em que o grande mal são as doenças mentais como depressão e ansiedade, conseguir parar e olhar a vida que nasce e escorre por todos os lados seria uma grande dádiva. Com os dias cada vez mais cheios e a necessidade extrema de sobrevivência, se deixou de lado a importância de viver, de forma livre e leve, por isso a dialética usada pelos personagens traz essa abordagem um tanto que reflexiva de que se faz necessário parar e olhar a cena que vai muito mais além do que uma pintura ou uma ideia de pintura, a cena vai muito mais além da beleza e, portanto, precisa ser apreciada com sensibilidade.

No filme “Com amor, Van Gogh” lançado no ano de 2017 e que lembra muito os traços e as formas usadas no episódio do filme de Akira Kurosawa, se faz uma lembrança da vida do pintor, trazendo à tona alguns momentos cruciais de sua vida, dita no filme como um tanto conturbada. É preciso lembrar que Vincent Van Gogh também foi um homem que sofreu com as dores da alma e fora atormentado por sua mente barulhenta, o mesmo sofria de transtorno afetivo bipolar (TAB) o que lhe causou extrema dificuldade de se manter estável e além do mais lhe trouxe uma fama de louco na sua terra.

Apesar de toda a “loucura” existente naquele homem, Van Gogh nas suas centenas de cartas, muitas escritas ao seu irmão, Theo van Gogh, fala abertamente sobre suas dificuldades em socializar dentro do seu trabalho, mas em inúmeras de suas cartas o pintor holandês traz temas que podem ser usados reflexivamente para uma análise do que foi o seu tempo e do que é o atual momento.

Fazer essa análise entre o passado e o presente, mostrando que a vida continua corrida e apressada, onde costumamos esquecer de respirar e apreciar a beleza da vida que brota ao nosso redor é muitíssimo essencial. A reflexão que pode ser gerida neste estudo é a de que é necessário saber viver e não apenas lutar com o intuito de sobreviver, o ser humano é uma máquina delicada e que precisa de manutenção e reparos, caso contrário entra em colapso, se faz necessário trazer para discussão temas delicados como as doenças mentais e as consequências catastróficas para as pessoas e para a sociedade, além de fazer uma correção nos modos em que se rege a sociedade, obrigando o homem a lutar por sobrevivência, esquecendo-se de que o homem é muito maior do que apenas uma peça de engrenagem da sociedade e que portanto precisa ser observado com cuidado, um movimento importante para que processos de adoecimentos mentais, muito

presentes hoje em dia, possam ter a devida atenção, a fim de lançar campanhas de prevenção e cuidado com a saúde mental da vida humana que é o bem mais precioso da sociedade mundial.

“Sonhos” não é um filme somente sobre os sonhos de Akira Kurosawa, mas sobre o seu apelo para que a sociedade passe a olhar com mais atenção para as atrocidades cometidas contra os próprios seres humanos, mas também contra elementos naturais. Cada episódio do filme nos leva para uma profunda viagem para o Japão do cineasta, mas também para os problemas enfrentados pelos japoneses e as marcas deixadas pela guerra. A seguir nos debruçamos em um dos episódios que fecha o filme, mas abre todo um campo de reflexão sobre o que de fato é essencial para a vida em sociedade, e mesmo que o lançamento do filme esteja mais de três décadas separadas dos dias atuais, quando assistimos o filme hoje, ele parece ter sido produzido e direcionado à atualidade.

A vila dos moinhos d’água: reflexões sobre meio ambiente

Os diferentes episódios que compõem a obra “Sonhos” nos remetem a momentos que marcam a existência humana, o episódio “A vila dos moinhos d’água” aborda temas como tecnologia e o meio ambiente. A obra cinematográfica finaliza com elementos da relação entre natureza e cultura, e o meio ambiente como um protagonista, com paisagens e sons bucólicos, e elementos da tradição do contexto apresentado, algo que percebemos no nosso cotidiano, de que as tradições cedem espaço para os avanços tecnológicos e aos novos interesses e demandas da humanidade.

O episódio inicia com um viajante que chega até um local chamado Aldeia dos Moinhos d’água, e o mesmo encontra um ancião que está consertando a roda de um dos moinhos de água. Os dois iniciam um diálogo que só será interrompido por um cortejo musical e dançante que faz o viajante pensar ser uma festa na aldeia, mas o mesmo vai descobrir que se trata de um cortejo fúnebre.

A escolha desse episódio ocorre por ser um encontro entre dois homens de contextos sociais diferentes, um morador de uma grande cidade, acostumado aos confortos urbanos e um ancião que vive em uma pequena vila e longe dos confortos urbanos, mas muito próximo de uma vida simples e abundante de tudo aquilo que de fato é o essencial para a existência humana. Analisar o encontro desses sujeitos em faixas etária de vida tão diferentes, nos leva a analisar a nossa atual situação em um ambiente à beira de um colapso, em que muitos perderam a noção do que de fato é essencial para a vida e o que é essencial para a satisfação individual criada por uma sociedade de consumo sempre movida pelo desejo incontrolável de adquirir objetos que para serem produzidos requerem muito desgaste no ambiente.

O episódio segue apresentando através do diálogo as desconexões de compreensão da vida entre os personagens, de forma lírica percebe-se o embate entre ambos, e ao ser questionado sobre a suposta falta que o jovem percebe na vila, como a falta de energia elétrica, falta de tecnologias modernas etc., a resposta do ancião é bastante direta e poderia ter sido dado em um dos inúmeros eventos que tratam das questões ambientais hoje, pois a resposta dele continua sendo atual.

Tentamos viver do modo como o homem vivia antigamente. É o modo natural de viver. Hoje em dia, as pessoas se esquecem de que elas são só uma parte da natureza. Destroem a natureza na qual nossa vida depende. Acham que sempre podem criar algo melhor. Sobretudo os estudiosos. Eles podem ser inteligentes, mas a maioria não entende o coração da natureza. Eles criam coisas que acabam tornando as pessoas infelizes. Mesmo assim orgulham-se de suas invenções. E o que é pior, a maioria das pessoas também se orgulha. Elas as veem como milagres. Idolatram-nas. As pessoas não sabem, mas estão perdendo a natureza. Não percebem que vão morrer. As coisas mais importantes para os seres humanos são ar limpo, água limpa, e as árvores e plantas nos dão isso. Tudo está sendo poluído para sempre. Ar sujo, água suja, sujando o coração dos homens. (SONHOS, 1990.)

O filme tem 34 anos, e podemos concluir que essa fala representa o que já se vivenciava enquanto descaso ambiental, pois ele aborda a questão da poluição da natureza com o avanço tecnológico fazendo perder o que é essencial para o ser humano, ar limpo e água limpa, além das falas apresentadas no diálogo do último episódio da obra, o espectador consegue sentir e perceber tudo aquilo que o ancião vai falando e apresentando, como por exemplo os sons ambiente, que se conectam aos sons que se ouvia quando éramos crianças e não ouvimos mais, que foram trocados por sons de carros e máquinas. Essa questão da nostalgia também é abordada com o protagonista encantado com o local que é cada vez mais raro de se encontrar, um lugar que não tenha uma grande influência da tecnologia contemporânea, que mantém o modo de viver dos antigos, quando as pessoas que passaram por essa transição da vida mais simples, para uma mais moderna, elas podem até se adaptar, mas sempre vão ter lembranças nostálgicas.

Nesse aspecto, é válido destacar que essa é uma preocupação do diretor, que em seu relato autobiográfico, Akira Kurosawa comenta sobre essas diferenças e estímulos sonoros do passado com os atuais da sua época:

Os sons que eu ouvia quando era garoto eram completamente diferentes desses de hoje. Em primeiro lugar, não existia algo como som elétrico naqueles dias. Todos os sons eram naturais. Entre esses sons naturais, muitos se perderam para sempre. (KUROSAWA, 1993, p.66)

Com esse comentário do autor podemos trazer uma reflexão sobre esses pontos que muitas vezes passam despercebidos por nós, e esses momentos de reflexão só vem em situações como esta de nostalgia e perda. A natureza não resiste à intervenção humana, e o relato do cineasta lembra o clamor de Rachel Carson ao denunciar a destruição causada pelo uso de agrotóxicos, e de como esse uso indiscriminado gerou um silenciamento dos pássaros que ela ouvia cantar em sua infância. Seu livro buscou responder a uma pergunta que mudaria a forma como a sociedade passaria a olhar para o uso dos agrotóxicos. “Que foi que já silenciou as vozes da primavera em inúmeras cidades dos Estados Unidos? Este livro constitui uma tentativa de explicação” (CARSON, 2010, p. 21).

A obra “Sonhos” finaliza com esse episódio, muito para deixar a reflexão ser livre em cada um de nós. O diálogo com o ancião caminha para o fim quando o jovem visitante fica espantado por estarem cantando felizes e comemorando em pleno trajeto fúnebre de um morador da vila, outra lição importante, que já poucos afortunados de nossa geração urbana centrada consegue vivenciar, viver muito e viver bem são motivos de comemoração, na atualidade até aumentamos a expectativa de vida da população, mas não de forma saudável e significativa, e isso pode muito estar relacionado ao nosso distanciamento daquilo que nos é original, a humanidade é natureza. Destruímos nossa própria casa, poluímos nosso ar, contaminamos nossos alimentos, enchemos de lixo e outras substâncias nocivas a nossa água, e choramos cada vez mais cedo com a partida de nossos entes queridos, ou nos confortamos com sua partida porque significa também a finalização de um sofrimento.

A Aldeia dos Moinhos d’água apesar de uma duração pequena, apresenta reflexões profundas, que a cada vez que o espectador assiste, de certeza que será convidado sempre a pensar sobre os diferentes aspectos apresentados, cada detalhe diz muito sobre as mensagens que Kurosawa pretendia repassar. Sobre as tradições, que não caminham de mãos dadas com a razão, elas simplesmente representam o respeito a memórias de todos aqueles que a sustentaram e carregaram como um instrumento valioso de pertencimento e identidade, falamos a respeito do momento em que as crianças atravessam a primeira ponte, logo no início, coletam flores e após finalizarem a travessia da segunda ponte, elas depositam as flores em cima de uma grande pedra.

Para aquele viajante, que pela sua fala, vive distanciado de tudo aquilo que está representado na “aldeia”, cada movimento, organização, elementos ou falta de estruturas, que são presentes em seu contexto, lhe gera curiosidade sobre as significações daquilo que vê. A partir de cada resposta, nos forçamos a olhar para o nosso próprio contexto, que tradições e histórias que sustentaram nossas vivências durante muitos anos e que simplesmente não nos questionamos sobre os porquês, o fazíamos em respeito aqueles que são os guardiões dessas histórias e memórias.

É válido destacar que o personagem, morador da aldeia, deixa claro que não são apenas as crianças que fazem a oferta das flores sempre que atravessam a ponte, mas que todos os adultos também. A respeito dessas tradições, poderíamos citar diversos exemplos regionais e locais, mas já nos basta compreender que o respeito, o compartilhar de informações com todos e a prática frequente são fundamentais para a manutenção das tradições e conhecimentos de cada contexto cultural.

Nesse sentido é significativo recorrer ao que Ingold (2010) apresenta em sua obra sobre o estar e sentir, as pessoas somente se envolvem com algo quando conseguem sentir o espaço que vivencia, o sentir destacado pelo autor está ligado aos diferentes sentidos que carregam nossa humanidade, de uso do corpo como ferramenta de percepção do ambiente. Quando o viajante questiona sobre o ato das crianças em depositar as flores na pedra, o faz na tentativa de compreender o que a princípio parecia algo simplista, mas com a resposta do ancião ele sente a profundidade da significação e respeito dos moradores por aquela história, e percebemos o nível de sentir do visitante quando ele repete o ato, mesmo sem fazer parte daquele espaço, e estando apenas de passagem, ele sente-se encorajado a mergulhar ainda mais em sua vivência, não passou por aquela vila sem ser afetado por todos aqueles conhecimentos e sentidos.

O movimento que impulsiona os moradores a manter, de certa forma, um ritual de respeito com a oferenda das flores na pedra, sensibiliza o personagem visitante que também se sente motivado a fazê-lo. O conhecimento, o empoderamento e a prática da tradição experienciada por diferentes grupos geracionais fortalecem as tradições.

Os aspectos que envolvem as questões tradicionais estão estreitamente relacionados às discussões ambientais. Se temos populações que são respeitadas com o meio ambiente, logo essas populações repassam suas histórias e exemplos que sustentam sua prática, o que também acontece no extremo oposto, e nesse sentido é extremamente perigoso, pois grande parte das comunidades tradicionais sofrem com um distanciamento dos seus espaços naturais de vivência, por diferentes motivos. Áreas de preservação sendo cercadas pelo desmatamento, pela poluição, garimpo ilegal, tudo aquilo que proporciona uma inadequação de aspectos básicos de sobrevivência e daquilo que é considerado fundamental para esses grupos, ou melhor, para todos nós.

Somos natureza, é uma das falas do ancião, que pode direcionar para múltiplas significações, mas alguns grupos esqueceram disso. Um campo pertinente de interpretação da fala, da fotografia do filme, e da harmonia do espaço da Vila dos Moinhos d'água, é de que a sabedoria da existência humana reside no equilíbrio dessa com a sua natureza. A natureza humana não está relacionada à artificialidade das coisas, ela existe dentro da ambientação natural da vida, do orgânico movimento de existência. Nas diferentes sociedades que se afastam cada vez mais dos espaços naturais, identificamos que o consumismo é um sentimento oportunista para preenchimento de um vazio existencial, que a medida que não corresponde a esse desejo, coloca as pessoas em processos de adoecimento cada vez mais frequentes.

Não poderíamos finalizar essas discussões sem mencionar outra obra com significativas contribuições sobre as discussões ambientais que é as "As três ecologias" de Félix Guattari (2009), onde compreendemos que humanos e não humanos fazem parte do mesmo ecossistema que se comunica, interage e faz constantes trocas existenciais. Para o autor, a devastação ambiental ocorre em diferentes esferas, não apenas no ambiente natural (não humano), mas principalmente, na mentalidade humana. As três ecologias consideram uma compreensão ampla do que é a natureza, e a partir de sua análise, o autor apresenta e sustenta o conceito de Ecosofia, definido em três ecologias. Essa análise dialoga com aquilo que é apresentado na obra cinematográfica, em específico nos questionamentos apresentados pelo jovem visitante, a partir de suas estranhezas ao chegar na vila, a exemplo da falta de eletricidade e do não uso de máquinas.

A Ecosofia não considera a dimensão do meio ambiente como sinônimo de natureza coloca em igualdade a qualidade das relações sociais, bem como a qualidade da subjetividade humana, construídas a partir das relações do ser humano consigo mesmo, dos seres entre si, com o ambiente planetário (GUATTARI, 2009, p. 32)

Todos esses aspectos estão conectados, por isso a obra de Akira Kurosawa é tão fundamental e importante até os dias atuais, todos os episódios carregam ensinamentos que proporcionam verdadeiros mergulhos sobre o significado de viver, da forma como olhamos a vida, das nossas crenças, tradições e as consequências de nossas escolhas, mas é ao final que através de pequenos detalhes de um diálogo entre o novo e o velho que nos sentimos incomodados com o nosso existir.

Considerações Finais

Construído com análises e pesquisas referentes ao filme “Sonhos” de Akira Kurosawa, este trabalho trouxe uma reflexão acerca da vida, fazendo uma síntese entre o passado e o presente, apontando a atualidade das produções do autor asiático que ao longo de 8 episódios abordou diferentes temas e assuntos, mas com o intuito de chamar a atenção do público para reflexões profundas sobre acontecimentos no dia a dia da sociedade.

Mesmo tendo sido lançado a pouco mais de 30 anos, o filme produzido por Kurosawa se mostrou muito atual, trazendo à tona discussões importantes para a sociedade, formulando também direcionamentos que proporcionam reflexões, que repassam ao público o pensar sobre a própria existência.

Usando características e contos do continente asiático e fazendo uma mistura com assuntos e figuras mundialmente conhecidos, Akira Kurosawa entrega em sua obra uma série de histórias em um olhar único e novo, histórias essas que já tiveram suas versões apresentadas em outras culturas, fazendo assim uma ligação entre culturas e povos, fazendo analogias a vida e a sociedade, proporcionando reflexões importantes para o funcionamento humano e social que sem dúvidas com o passar dos anos terá representatividade na atualidade e alcançará diferentes gerações.

Importante ainda destacar o quanto o episódio “A Vila dos Moinhos d’água” surge como um clamor para que a natureza deixe de ser pensada como algo que deve ser dominado pelo homem, explorada de forma irresponsável, e sim como esse homem pertencente ao ambiente natural e deve ser defensor dessa natureza que é a sua casa e que hoje se encontra sob forte ameaça de destruição total. Seguindo os ensinamentos do ancião que pacientemente conserta a roda de um moinho d’água, devemos refletir sobre o que de fato é importante para a vida do ser humano na terra e de que forma essa vida está cada vez mais ameaçada. Usando a metáfora do sonho, em tempos atuais precisamos sonhar com um mundo melhor, no qual o que é essencial deve ser de fato colocado nesse lugar, ou seja, água limpa, ar limpo, terra limpa, e acrescentamos ainda, mente limpa.

Referencial

CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa**. 1ª. ed. São Paulo: Gaia, 2010.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 2006.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. 20ª. ed. Campinas: Papirus, 2009, 56p.

KURUSAWA, Akira. **Relato Autobiográfico**. São Paulo: Estação Liberdade, 1993.

SONHOS. **Direção de Akira Kurusawa e Ishirô Honda**. Japão: Globo Filmes, 1990 (1h59min). Arquivo virtual disponível em: [Sonhos \(1990\) - Legendado \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...). Acesso em 01 de março de 2024.

Recebido em 18 de dezembro de 2023.

Aceito em 23 de fevereiro de 2024.